

*Organizadores*  
Daniela Romão-Dias  
Eduardo Medeiros  
Maria Nilza Campos  
Renata Mello  
Renata Udler Cromberg

---

# Ferenczi pelo Brasil

*Rupturas, fragmentações e mutualidade*

**Blucher**

GRUPO BRASILEIRO  
DE PESQUISAS  
**SÁNDOR FERENCZI**



# FERENCZI PELO BRASIL

*Rupturas, fragmentações e mutualidade*

*Organizadores*

Daniela Romão-Dias

Eduardo Medeiros

Maria Nilza Mendes Campos

Renata Mello

Renata Udler Cromberg

*Ferenczi pelo Brasil: rupturas, fragmentações e mutualidade*

© 2025 Daniela Romão-Dias, Eduardo Medeiros, Maria Nilza Mendes Campos,

Renata Mello, Renata Udler Cromberg (organizadores)

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Preparação de texto* Lígia Alves

*Diagramação* Mônica Landi

*Revisão de texto* Equipe editorial

*Capa* Juliana Midori Horie

*Imagem da capa* iStockphoto

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4ª andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

---

Ferenczi pelo Brasil : rupturas, fragmentações e mutualidade / organizadores Daniela Romão-Dias et al. – São Paulo : Blucher, 2025.

280 p. – (Coleção Sándor Ferenczi)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2612-3 (Impresso)

1. Psicanálise. 2. Rupturas. 3. Fragmentações.  
4. Mutualidades. 5. Ferenczi, Sándor, 1873-1933.  
I. Título. II. Série.

CDU 159.964.2

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

# Conteúdo

## **Apresentação** **11**

*Daniela Romão-Dias, Eduardo Medeiros  
Maria Nilza Mendes Campos, Renata Mello  
Renata Udler Cromberg*

### **Parte I – Rupturas**

#### Apontamentos para uma educação da agressividade 17

*Renata Udler Cromberg*

#### Letramento: uma ponte entre confusão e confluência de línguas nas relações raciais 27

*Anne Egídio e Rosa Maria Tosta*

#### A fragmentação da criança preta como forma de sobrevivência numa sociedade que cronicamente a desumaniza 37

*Hilda Maria Francisca de Paula*

#### Confusão de línguas: letramento racial na clínica e a linguagem da ternura com crianças negras 49

*Janine Rodrigues*

Pandemia de covid-19: o grupo como espaço de depósito de fragmentos, associatividade e testemunho diante da situação de potencial traumático	60
<i>Larissa Forni dos Santos e Pablo Castanho</i>	
Fragmentação: um recurso na travessia de fronteiras	73
<i>Anna Silvia Rosal de Rosal</i>	

## **Parte II – Fragmentações**

A força órfica como potência vital de resistência ao trauma	87
<i>Carlos Augusto Peixoto Junior</i>	
Diálogos entre Ferenczi e Bollas: enxertos, extrações e a dinâmica intersubjetiva com o agressor	99
<i>Eduardo Medeiros</i>	
A construção do sujeito psíquico	111
<i>José Jiménez Avello</i>	
Articulações teóricas sobre a autoclivagem narcísica em Sándor Ferenczi	123
<i>Eric Rossendo Romero e Helio Honda</i>	
Catástrofe e criatividade: da fragmentação à emergência	135
<i>Judy Eekhoff</i>	
Ligações traumáticas: trauma precoce e a lógica do colapso	155
<i>Maria Manuela Assunção Moreno</i>	
Reflexões de uma analista no lugar de testemunha	167
<i>Júlia Coutinho Costa Lima</i>	
Ferenczi e a função orpha: aspectos da fragmentação do sujeito traumatizado	179
<i>Juliana Baracat e Fábio Belo</i>	

### Parte III – Mutualidade

Clínica do trauma e formas de vitalização: uma leitura ferencziana	193
<i>Renata Mello</i>	
Com Ferenczi: construindo paisagens mutualistas em um mundo em perigo	204
<i>Eliana Schueler Reis</i>	
Mutualidade e a configuração do psíquico	215
<i>Carlos Alberto Castillo Mendoza</i>	
Mutualidade e amor na clínica contemporânea	227
<i>Daniela Romão-Dias</i>	
Cuidado mútuo no trabalho analítico: pensando com Ferenczi e Searles	238
<i>Douglas Rodrigo Pereira</i>	
Fragmentos de análise mútua	249
<i>Alexandre Abranches Jordão</i>	
Sombras do incesto: em busca de uma parceria ética na ternura	261
<i>Cassandra Pereira França</i>	
<b>Sobre os autores</b>	<b>272</b>

# Apresentação

## *Ferenczi e a psicanálise no Brasil: a celebração de um encontro*

Esta segunda publicação da presente coleção é fruto da 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, intitulada “Psicanálise entre catástrofe e criação: perspectivas e movimentos”, ocorrida entre 29 de maio e 10 de junho de 2024, em São Paulo, capital. Neste livro, dedicamo-nos a publicar alguns dos trabalhos apresentados nas conferências, nos painéis e nas mesas que fizeram parte do evento.

A 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi proporcionou uma experiência intensa, que envolveu muito trabalho e dedicação do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Ainda assim, tudo isso foi insuficiente para dar conta da inquietação, da sede de conversa, da vontade de trocar mais experiências e saberes que o encontro produziu.

Quem esteve presente naqueles dias se deparou com uma atmosfera bem diferente do que usualmente são os congressos de psicanálise, marcados pelo intercâmbio e pela reflexão, mas também por formalidade e sisudez. No frio do outono paulistano, chamava a atenção o calor emanado pela alegria, pela vivacidade e pela força de

todas as mais de 900 pessoas que ocupavam o auditório e as salas da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

É bonito pensar que quem inspirou esse acontecimento foi Sándor Ferenczi, que durante décadas foi apenas o figurante que sorria nas fotos ao lado de Freud e dos demais psicanalistas da IPA. Esse húngaro genial, o *enfant terrible* da psicanálise, aquele que um dia Freud, em uma mesma carta, convidou para a presidência da IPA e pediu que abandonasse a ilha de sonhos em que vivia com suas crianças fantásticas, caiu no gosto dos psicanalistas brasileiros.

Ferenczi e a psicanálise no Brasil, durante muito tempo, ocuparam o lugar das margens, posição um tanto desprezada, todavia fundamental para desestabilizar o dentro e fora dos saberes confortavelmente estabelecidos. Faz relativamente poucos anos que o jogo de forças virou, especialmente para a psicanálise de nossa terra. Ferenczi foi capa de revista, e a psicanálise exercida no Brasil tem sido mundialmente reconhecida como produtora de articulações fecundas no campo.

Na Conferência, que foi uma celebração desse inusitado encontro, tivemos trabalhos com temas diversos. Para este volume nos concentramos inicialmente em apresentações que versaram sobre a fragmentação e a mutualidade, noções ferenczianas bastante discutidas no evento.

A ideia de fragmentação, cara ao pensamento ferencziano, leva aos interstícios do trauma. Consequência dele, a fragmentação é, ao mesmo tempo, a própria desestruturação psíquica e a última linha de defesa contra o aniquilamento do sujeito. Sua face mais radical é a atomização, uma espécie de pulverização do aparelho psíquico. No outro polo, com a figura da orpha, Ferenczi atesta, mais uma vez, a fé na capacidade subjetiva de ser fênix, imaginando um fragmento psíquico autocurativo que emerge em socorro de um sujeito colapsando. No caminho do manejo das fragmentações, trazemos nosso outro

eixo temático, a mutualidade. Palavra originada da controversa experiência de análise mútua de Ferenczi, a mutualidade vem ganhando espaço e rendendo frutos nas discussões sobre as possibilidades de intervenção na clínica psicanalítica. A partir dos dois temas iniciais, incluímos um terceiro termo, “rupturas”, propositalmente uma palavra que não remete diretamente a um conceito de Ferenczi, mas que, no caso deste volume, evoca as feridas sociais que marcaram e marcam nosso país e tantos outros.

Na impossibilidade de abarcar todos os excelentes trabalhos que flertavam com os temas propostos, trazemos um pouco da marca da diversidade da Conferência. Os capítulos que se seguem são apresentados por autoras e autores com diferentes formações, experiências e contextos, compondo um material plural e polissêmico.

A Parte I, Rupturas, apresenta capítulos que expõem o corte e as dores produzidos pela cultura e pelo ambiente social, sobretudo nos sujeitos brasileiros, escritos por Renata Udler Cromberg, Anne Egídio e Rosa Maria Tosta, Hilda Maria Francisca de Paula, Janine Rodrigues, Larissa Forni dos Santos e Pablo Castanho e Anna Silvia Rosal de Rosal. Os trabalhos tratam dos atravessamentos do racismo, das experiências dos refugiados e dos ecos da pandemia da covid-19. São textos fortes, que analisam experiências de sofrimento e de luto. Denunciam e apontam caminhos.

A Parte II, Fragmentações, traz textos apoiados na metapsicologia e na clínica de Ferenczi, escritos por Carlos Augusto Peixoto Junior, Eduardo Medeiros, José Jiménez Avello, Eric Rossendo Romero e Helio Honda, Judy K. Eekhoff, Maria Manuela Assunção Moreno, Júlia Coutinho Costa Lima e Juliana Baracat e Fábio Belo. Esses capítulos abordam o tema da fragmentação por via das clivagens, da atomização e da noção de orpha.

No último segmento – Parte III, Mutualidade –, tanto nos voltamos para o manejo clínico quanto apresentamos algumas reflexões

teóricas, a partir de desdobramentos da experiência de análise mútua de Ferenczi. Os capítulos são escritos por Renata Mello, Eliana Schueler Reis, Carlos Alberto Castillo Mendoza, Daniela Romão-Dias, Douglas Rodrigo Pereira, Alexandre Abranches Jordão e Cassandra Pereira França.

Ao final do livro, esperamos ter trazido ao leitor um pouco da materialidade dos trabalhos da Conferência, seu vigor e seu entusiasmo. Esperamos também que os capítulos sirvam como provocações, para que o lugar de maior destaque, que agora nossa psicanálise e Ferenczi parecem ocupar, não seja como um trono, mas semelhante a um redemoinho de saci, destinado mais a incomodar do que a assentar. Como na música de Caetano Veloso e Elza Soares: “quero me dedicar a criar confusões de prosódia / E uma profusão de paródias que encurtem dores / E furem cores como camaleões / E eu não tenho pátria, tenho mátria / E quero frátria”. E que, assim, não cessemos de nos perguntar o que quer e o que pode nossa psicanálise.

*Daniela Romão-Dias*

*Eduardo Medeiros*

*Maria Nilza Mendes Campos*

*Renata Mello*

*Renata Udler Cromberg*

# Apontamentos para uma educação da agressividade<sup>1</sup>

*Renata Udler Cromberg*

*Cada geração parece dever se preocupar por não  
deixar a criança na solidão de sua violência e para  
que amar lhe seja possível. (Charles Baodwin)*

É um vídeo de 1 min. 34 s. que apareceu em alguma rede social. Há quatro adultos na sala. Um é o filmador da cena no celular. Começa com a filmagem de uma mulher e de um homem, vemos que é uma sala de aula e ouvimos um barulho estrondoso e logo a câmera mostra uma menina derrubando com violência gavetas de pastas de um armário metálico cinza, daqueles muito antigos tradicionais de escola pública, as janelas e as cortinas também dão sinal de que a cena se passa numa escola pública. Uma grande lousa e dezenas de carteiras iguais também confirmam isso. A menina negra de aparentemente 9 ou 10 anos se dirige, após tirar as gavetas, em direção a uma mulher branca que está na janela segurando para fora algo que ela tenta deixar fora do alcance da menina. Com um braço dobrado, tenta se defender do ataque da menina que passa a bater sucessivas vezes nele. Todos estão de máscara, a menina não. Ela grita a esta mulher: “Eu

---

<sup>1</sup> Texto elaborado a partir de capítulo do livro *Escola e subjetivação: novas perspectivas*, 2024.

nunca mais quero ver você na minha frente, me larga” A mulher não a está segurando. E segura muito forte apertando o braço da mulher. Começa a jogar no chão primeiro uma cadeira e depois todo o material que se encontra nas mesas da primeira fila vertical. A câmera e todos estão no fundo da classe. Da frente da sala, percebe o filmador e grita algo indiscernível em tom de ameaça pega um objeto que parece ser um estojo e joga em direção a ele. O filmador se desvia um pouco para não ser atingido. Grita em tom explicativo para a mulher loira que está perto do filmador: “Para você ver, eu não tenho cura” e, mais alto, “é para você ver! Eu não tenho cura, eu não tenho!” Pega uma mala rosa cheia do chão e joga em direção ao homem que está um pouco mais a frente do filmador. Pega cadernos e livros e joga na mulher loira perto da janela que já está com as duas mãos livres e coloca uma na cintura e outra para se proteger da menina. A menina diz a ela: “Devolve o meu bolo, você não vai comer” A menina bate várias vezes no braço dela e segura o braço e ela impede de avançar sobre ela, elas se seguram pelo punho e depois a menina a larga depois de um tapa maior que dá na mulher e desiste; pega o próprio braço, aparentemente se beliscando. O vídeo logo se interrompe.

A primeira vez que assisti este filme, fiquei chocada com o grau de violência e indignada com os quatro adultos por não estarem fazendo nada para conter tanta angústia e estarem expondo a menina através da filmagem. A segunda vez tive a sensação contrária, de ser um apelo, uma convocação para a impotência dos adultos, conseguimos ver apenas o rosto angustiado e desamparado da provável professora à janela e a firme decisão de apurar a violência e não responder com violência. É assim que esta atitude traz o apelo da menina na frase em que diz que não tem mais cura. A angústia que esta cena despertou em mim me fez imediatamente lembrar desta frase da epígrafe que eu queria comentar nestes apontamentos para a educação da agressividade. Pretendo tentar dar elementos para desfascinação desta cena de violência através de apontamentos ferenczianos

para pensar a educação de jovens e crianças, uma educação contra a hipocrisia.

### *Ferenczi e uma educação contra a hipocrisia.*

É curioso que a conferência que Ferenczi (1908/2020) leu no Primeiro Congresso de Psicanálise em Salzburg, em 1908, seja *Psicanálise e Pedagogia*. É seu quarto escrito de psicanálise, mas nele já traça uma diretriz fundamental para o efeito profilático da educação. É o mesmo tempo em que estão se delineando em Genebra, com Claparède e Bouvet no Instituto Rousseau, os novos princípios de uma nova educação e o delineamento da psicologia e pedagogia como campos de saber separados, mas em interrelação. Aqui Ferenczi extrai da psicologia e da psicanálise – ele a chama de verdadeira psicologia –, sua influência poderosa em formular uma educação anti-dogmática e que condenaria a hipocrisia que ele considera um dos sintomas da histeria do homem civilizado. Uma tal pedagogia baseada neste eixo, tal como a análise psicológica deveria levar ao reconhecimento dos desejos inconscientes e a impossibilidade de sua realização, tal como Freud coloca. A análise psicológica não resulta no reinado desenfreado de instintos egoístas, inconscientes e eventualmente incompatíveis com os interesses do indivíduo, mas na ruptura com os preconceitos que entravam o autoconhecimento, a compreensão dos motivos até então inconscientes e a possibilidade de um controle dos impulsos que se tornaram conscientes. Para ele, o homem, além do sentimento exaltante que esta consciência lhe proporciona, torna-se mais modesto, indulgente para com os defeitos de outrem está pronto a tudo compreender, sem sequer perder o poder de perdoar. Não é a “moral” altaneiramente proclamada que o guia, mas uma lúcida eficácia. Ela o incita igualmente a dominar entre os seus desejos aqueles cuja satisfação poderia ofender os direitos de outrem, (o que, portanto, pelas reações suscitadas, acabaria sendo perigoso para ele próprio)

e a vigiá-los atentamente, sem negar a existência deles. A pedagogia é para ele um meio preventivo para a doença da sociedade se ela for fundada na compreensão da exploração da personalidade verdadeira e completa do indivíduo, levando em conta o laboratório da vida psíquica inconsciente que a psicanálise tornou menos inacessível. Ela deve também se fundar na eficácia e não em dogmas.

Mas é na última parte de sua vida e obra que Ferenczi traz uma visão nova e necessária para compreender a relação do adulto e da criança no processo educativo. Ferenczi, ao trabalhar com pacientes dito difíceis, fará descobertas muito importantes que prepararão o caminho para Balint e Winnicott trazerem as suas contribuições nas décadas seguintes. Por meio de modificações na técnica analítica, proporcionou aos pacientes em análise, um estado de regressão no qual reviveram traumatismos muito precoces. Para ele, o papel do analista refere-se sobretudo a alguém com quem se possa compartilhar e comunicar alegria e sofrimento, o que cura o trauma. A partir destas experiências, descobre o valor da figura da ternura, da benevolência e do acolhimento da mãe na constituição do psiquismo, garantindo um espaço para a transferência materna na análise, embora também atribuisse importância à ternura do pai. Elabora a noção de autoclivagem narcísica que ocorre muito precocemente, sobretudo em crianças mal acolhidas e amadas a partir do nascimento, que sofreram traumatismos precoces. Sob a pressão de um perigo iminente, um fragmento delas mesmas se cliva sob a forma de instância auto-perceptiva, querendo vir em sua própria ajuda desde a primeiríssima infância. Através da figura de um bebê sábio, falante, que costuma aparecer nos sonhos de pacientes adultos – criança que se põe a ensinar sabedoria a toda sua família – mostra o quanto as crianças que sofreram muito moral e fisicamente pelo medo dos adultos enlouquecidos, amadurecem subitamente, adquirindo inclusive traços fisionômicos de sabedoria e idade e têm uma tendência a envolver maternalmente os outros, transmitindo a eles seus conhecimentos

penosamente adquiridos pelo tratamento de seus próprios sofrimentos (Ferenczi, 1931/2020). A autoclivagem narcísica seria resultante da violência do abandono presente no desmentido. Este tipo de clivagem diante de um choque traumático é da ordem da fragmentação (Ferenczi, 1931/2020). Haveria uma ruptura entre a parte destruída e a parte que vê a destruição: uma parte “nada sabe” e guarda uma lembrança sensível do trauma e a outra parte “sabe tudo” e “nada sente”. É nesse contexto de violência psíquica e autoclivagem que Ferenczi utiliza a noção de autotomia, referindo-se a expulsão de si da parte machucada, como acontece com os animais. A autotomia passa a constituir uma defesa ainda mais radical, definindo-se como uma fuga psíquica diante do que provoca dor tão presentes nas patologias narcísicas e nas situações de vulnerabilidade social, quando o trauma é vivido no cotidiano.

Segundo Arreguy e Montes em seu importante trabalho *Ferenczi e a educação: desconstruindo a violência desmentida*, de 2019, essa realidade se expressa no narcisismo das pequenas diferenças tal como Freud se expressou em 1929, em *O mal-estar na cultura*, “em situações de confronto, discussões, brigas e agressões manifestas entre as pessoas nas escolas, que são difundidas de modo espetacularizado pela mídia, e acabam sendo criminalizadas pela própria sociedade. A agressividade excessiva é elemento central presente no entendimento das patologias narcísicas, situando o não reconhecimento do sofrimento infantil por parte do adulto nas origens da clivagem do ego infantil, o que culmina com a eclosão de casos difíceis e de situações de passagem ao ato” (Arreguy e Montes, 2019, p. 252).

Segundo as autoras hipotetizam, a agressividade atuada pela criança é efeito desta clivagem psíquica e assinala uma severa divisão no próprio eu do sujeito.

*A clivagem é, assim, o efeito do trauma causado pela hipocrisia nas relações alteritárias, no momento em que há a*

*desqualificação global dos afetos das crianças pelos adultos, sobretudo por aqueles que possuem um papel fundamental para a criança. Assim, o não reconhecimento do sofrimento infantil produz essa violência desmentida. O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (Arreguy e Montes, 2019, p. 252)*

Esta interpretação parece muito adequada e eficaz para compreender nossas imagens iniciais da menina na escola.

As experiências clínicas e postulados teóricos de Sándor Ferenczi trazem inúmeras contribuições para a educação. A concepção ferencziana também é bastante esclarecedora no que concerne à dificuldade de professores e psicólogos escolares em lidar com o que se convencionou chamar, de modo bastante genérico, como violência nas escolas. (Arreguy e Montes, 2019, p. 247)

As autoras apontam como potencializando estratégias de escuta do outro, a educação também pode ser sempre desconstruída e reelaborada como um lugar de escuta, de revelação e de ação. A qualidade afetiva, a capacidade de cuidado e acolhimento do ambiente são determinantes nos destinos da pulsão de morte da criança. A autoridade do professor só pode ser legítima se ele é capaz de ser empático em situações de precariedade generalizada, expressas tipicamente no enviesado pedido de ajuda atuado por crianças e jovens agressivos. As autoras apontam dois patamares do trauma na esfera educativa: 1) no campo de uma violência objetiva que denega a exploração de professores e a divisão de classes no Brasil; 2) que recalca a realidade pulsional da criança e desautoriza as práticas de reconhecimento. A transformação educacional brasileira é impedida por uma violência, e, em específico, por um racismo desmentido nas escolas. Na

dimensão coletiva da violência no meio escolar, as autoras apontam que a própria precariedade social é desmentida, como se as pessoas dependessem exclusivamente do mérito pessoal para progredir intelectual e financeiramente. Da mesma forma, no racismo desmentido, o sujeito passa a se ver como um erro, um desacerto da natureza, como se o que visse não pudesse ter lugar no real. Aqui ressoa a frase da menina no filme “Viu como eu não tenho cura?”. O racismo a moda brasileira gera uma fragmentação psíquica, um trauma incapacitante onde não há reconhecimento, o sujeito não pode vir a se representar.

As autoras constatarem igualmente que o modo como escola funciona ainda hoje a partir de uma relação altamente hierárquica, favorece a imposição de uma visão única, verticalizada e imperativa, dos fatos. Entretanto, o professor pode optar pelo lugar do tato ou do desmentido. Se o professor é capaz de sentir com o outro (e de se colocar de forma dinâmica na relação, transitando para uma posição horizontal e amical), poderá ter a chance de introjetar novos sentidos e atuar nesse campo de afetação de maneira a alargar a experiência egóica, propiciando a abertura necessária ao desejo, promovendo uma educação contra a hipocrisia (Arreguy e Montes, 2019, p. 256). Um bom exemplo disso está na atuação da professora da sala 203 da escola Woodward Wilson, em Los Angeles trazida pelo filme *Escritores da Liberdade* (2014). Apesar de americano, ele fala de uma realidade universal das periferias do mundo. Vemos uma pedagogia eficaz quando à maneira de Paulo Freire, ela entra em contato com a realidade catastrófica dos alunos para a partir daí estabelecer pontes, escolher estratégias de uma verdadeira pedagogia subjetivante, criativa e que propicia um desejo coletivo de estudar. O produto final, o diário de cada aluno sobre sua própria realidade que virou livro é testemunha disso. As autoras apostam que podemos assim tratar da intersubjetividade e do campo de afetação a partir de um posicionamento ético. “Ao reconhecer a fragilidade do outro a partir do contato com o aspecto traumático da própria fragilidade narcísica, o/a professor/a

tem condições de operar um recuo diante da agressividade de crianças e jovens e se colocar numa posição de mutualidade e reconhecimento.” (Arreguy e Montes, 2019, p. 257)

Ao também perceber-se como objeto tanto de uma violência objetiva, econômica, quanto de uma violência estrutural, do mal-estar inerente à educação, rompendo com um ciclo narcísico de identificação com o agressor, é possível escapar de uma violência sorrateira, sádica e mórbida: aquela que denega a falta de oportunidades e o sofrimento psíquico dos sujeitos mais vulneráveis. Apenas livrando-se dos estereótipos de uma pedagogia da excelência típica da meritocracia, o professor pode olhar nos olhos de seus estudantes mais desfavorecidos, seja no nível material, seja no nível dos afetos. (Arreguy e Montes, 2019, p. 257). As autoras trazem uma situação relatada por um professor, que muito lembra as imagens trazidas no início deste texto: ele interrompe o ataque de chutes que seu aluno, uma criança, desferia contra ele. Ao se abaixar, pegar firme nos braços do menino, olha em seus olhos, e diz: “Eu já bati em você? Eu já gritei com você? Então, por que está me tratando assim?” Concluem que evidentemente, ele mostrou o seu desamparo, ou seja, seu despreparo total para lidar com a situação. Diante da franqueza e da preocupação ativa do professor, o menino começou a chorar, entregou-se nos braços do professor e arrefeceu seu “surto agressivo”. “Só assim, despojando-se de preconceitos de classe e de idealizações narcísicas, assumindo uma postura sem a contaminação da hipocrisia, seria possível produzir identificações sãs, legitimadoras do que existe de mais íntimo na subjetividade. Nesse sentido, cabe driblar os efeitos deletérios de um trauma incapacitante introjetado a partir de um agressor íntimo em um mundo peculiarmente violento.” (Arreguy e Montes, 2019, p. 257)

### *Para concluir*

Isso parece apontar na potência da posição do professor que contém e tem a paciência de esperar as transformações simbolizantes dos

afetos em representações contendo a destrutividade em ato com tato, firmeza e humildade, para propiciar motilidade em ações vitalizantes que propiciem o caminho das apresentações e representações do destino simbolizante, subjetivante e desejante de cada um.

Penso que a linguagem imediata da internet permitiu acesso a imagens que evocaram a memória de uma violência que se dá sempre no corpo e que o ultrapassa desencadeando atos, violência das palavras e sensações no corpo que se transformam em atos transbordantes. A filmagem parou ali onde depois de transmitir o apelo impotente de uma fala que diz ao outro que se tem a sensação de não ter cura deste transbordamento e, depois de um último ataque contido, passa a beliscar o próprio corpo numa reversão terrível da violência contra o outro em auto-ataque destrutivo. Gosto de imaginar de que talvez o filmador deixou a imagem virtual ali onde ela se tornaria indecente: pura exposição sádica do sofrimento masoquista do outro e correu para abraçar a menina para conter esta reversão, impedindo-a de se machucar pela presença viva, terna, acolhedora, que sente empaticamente a dor do outro e faz um gesto espontâneo que se torna nova potência vivificante, acolhendo o choro e a dor e as palavras que puderem advir para comunicação afetiva confiante em si e no outro, para poder transformar pacientemente a vivência caótica em apropriação complexa e desejante, solo de uma educação que possa propiciar singularização e subjetivação formadoras de uma fala livre e atuante na sociedade.

## *Referências*

- Arreguy, M. E., & Montes, F. F. (2019). Ferenczi e a educação: Desconstruindo a violência desmentida. *Estilos da Clínica*, 24 (2), 246-261.
- Cromberg, R. U. (2024). Apontamentos para uma educação da agressividade e da visão. In A. A. S. Lima & E. Rovai (Orgs.), *Escola e subjetivação: Novas perspectivas*. Blucher.

- Ferenczi, S. (1908/2020). *Psicanálise e pedagogia*. In *Sándor Ferenczi: Obras completas – Psicanálise I*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928/2020). *A elasticidade da técnica*. In *Sándor Ferenczi: Obras completas – Psicanálise IV*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1929/2020). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. In *Sándor Ferenczi: Obras completas – Psicanálise IV*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931/2020). *Análise de crianças com adultos*. In *Sándor Ferenczi: Obras completas – Psicanálise IV*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1933/2020). *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*. In *Sándor Ferenczi: Obras completas – Psicanálise IV*. Martins Fontes.
- Freud, S. (2010). *O mal-estar da cultura*. L&PM Editores.
- Archives Institut J.-J. Rousseau. (2015/2017). Retrieved from <http://www.unige.ch/aijir>.

# Letramento: uma ponte entre confusão e confluência de línguas nas relações raciais

*Anne Egídio*

*Rosa Maria Tosta*

A clínica psicanalítica, bem como os espaços de formação, estão tendo que se haver com novos desafios diante das críticas que lhes são dirigidas em razão de não terem tido uma escuta para as questões relacionadas ao racismo, tal como a quase não existência de pessoas negras nos espaços de formação, além do apagamento da produção intelectual de autoras negras que abordaram a questão do racismo, acontecimentos esses que podem ser pensados como uma forma de epistemicídio.

No entanto, graças à inquietação de estudantes e pesquisadores(as) negros(as), algumas autoras como Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira – sem deixar de fora a pioneira Virginia Leone Bicudo, ignorada anos a fio, tanto na Sociologia quanto na Psicanálise – têm voltado à cena.

Ao questionarmos a Psicanálise no Brasil acerca de seu silenciamento sobre a violenta fundação do país, bem como sobre sua repercussão na vida psíquica de nossa população, vimos a possibilidade de “reinventar o dispositivo clínico aventado por Freud devido às peculiaridades do mal-estar contemporâneo em relação àquele de sua

época” (Canavêz & Herzog, 2012, p. 328), uma vez que a Psicanálise chegou a territórios em que somente a perspectiva teórica do espelhamento eurocêntrico parece não dar conta.

Neste sentido, com base na teoria do trauma proposta por Sándor Ferenczi, o presente trabalho tematiza a confusão de línguas entre o negro e a branquitude, no intuito de apresentar a concepção de *letramento*, conforme explicitado mais a fundo na dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda. Para tal pesquisa, a autora partiu de um dos eixos de reflexão no Grupo de Trabalho (Estudo, Pesquisa e Intervenção) “A Cor do Mal-Estar: da Invisibilidade do Trauma ao Letramento” desenvolvido no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, levando em consideração o resultado de sua experiência em seu processo de formação em Psicanálise, bem como suas vivências; de outro lado, conjuntamente com os integrantes do supramencionado grupo, houve a tentativa de lidar com o mal-estar produzido pelo encontro inter-racial.

O mal-estar do racismo chega ao divã: o que fazer com ele? Ele invadiu determinados espaços psicanalíticos e nos colocou diante da emergência de revirar pelo avesso tanto a marca deixada pela violência fundante (350 anos de escravização) quanto a relação simbólica dela advinda, que não alcança a escuta necessária na Psicanálise brasileira, ela própria atravessada pelo “eu sei, mas mesmo assim...”<sup>3</sup>, de Mannoni (1973), que impede que seja possível dar visibilidade à violência traumática de nossa fundação e, quiçá, produzir o letramento.

Mas por que nos aportamos na linguagem para pensar o letramento?

A fim de repensar a narrativa, propomos que revisitemos a concepção de linguagem em Freud e em Ferenczi, sobretudo neste último, em que foi possível traçar uma elaboração – à guisa de uma conceituação – do que vem a ser o letramento.

Gondar (2017), em “As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem”, considera que a linguagem é física, por ser articulada e também em razão da materialidade da palavra – sonora ou visual, sendo também psíquica, na medida em que possui a “capacidade de representar e produzir associações entre essas representações” (Gondar, 2017, p. 113), destacando, assim, a dupla natureza da linguagem como sendo corpo e psiquismo. Ademais, na perspectiva desta autora, a linguagem carrega uma terceira natureza, que é a dimensão estética, sensível, ao dar destaque à imagem sensorial da palavra que não pode alcançar assimilação no significado linguístico e nem por sua emissão via aparelho fonador.

O que as palavras transportam? A resposta a essa indagação pode ser encontrada em Ferenczi (1913/2011), especificamente em “Ontogênese dos Símbolos”. Ele parte da observação de que a criança, assim como o inconsciente, identifica duas coisas diferentes com base em uma semelhança mínima, de modo a deslocar os afetos de uma para outra, associando-as pela atribuição de um mesmo nome. Logo, à medida que o sentido da realidade vai se desenvolvendo, a criança é levada a decompor aquilo que estava condensado, a partir de uma ínfima semelhança entre coisas diferentes, passando, então, a distinguir os aspectos pelos quais essas coisas se assemelham, mas também os que as diferem.

Para Ferenczi, o símbolo diz respeito a representações que chegam à consciência investidas afetivamente, de maneira que a lógica não consegue explicar ou justificar. Ao analisarmos, detectamos que esta sobrecarga de afeto é referente “a uma identificação *inconsciente* [grifo do autor] com uma (o símbolo) outra coisa” (Ferenczi, 1913/2011, p. 116). Na ótica deste autor, o símbolo não está associado a toda comparação, mas somente àquela em cujo um dos termos encontra-se recalcado no inconsciente.

Portanto, para Ferenczi, o simbólico não deriva e tampouco está subordinado à linguagem, sendo esta apenas uma das possibilidades

na relação simbólica, dentre outras. Ainda em “Ontogênese dos símbolos”, Ferenczi (1913/2011), a partir da experiência psicanalítica, enfatiza que a afetividade – e não a intelectualidade – é a principal condição para um verdadeiro símbolo.

Desta forma, Ferenczi convida a refletir acerca das diversas formas simbólicas – além da linguagem verbal – existentes na experiência humana, contribuindo, assim, para o enriquecimento de nossa compreensão sobre os processos psíquicos que só se darão “num modo de funcionamento que não é o da linguagem, mas o do afeto e da sensibilidade” (Gondar, 2017, p. 114).

No início da vida, a criança encontra-se centrada em seu próprio corpo e na satisfação que obtém dele, em razão desta dinâmica do sensível. Ao ir de encontro ao mundo que se lhe apresenta, identificará as semelhanças entre o que sente em seu corpo e o que vê exteriormente. Ferenczi (1913/2011, p. 117), para ilustrar este funcionamento, relata a história de um bebê de um ano e meio de idade que, ao estar diante do rio Danúbio pela primeira vez, exclama: “Quanto cuspe!”. O autor destaca por meio deste exemplo que a relação simbólica nasce das semelhanças entre corpo e mundo, apontando para o fato de que as relações simbólicas se organizam a partir das relações profundas e que persistem ao longo da vida entre corpo humano e objetos. Ferenczi demonstra, desta maneira, os fatores determinantes na formação dos símbolos e a importância de se diferenciar os símbolos de outras formas de condensação (como as metáforas, comparação etc.).

Em “Palavras obscenas”, texto datado de 1911, foi-nos possível realizar a articulação entre o simbolismo e o processo de letramento ora apresentado, uma vez que Ferenczi (1911/2011) refere-se às “palavras tabus” como sendo algo que leva o ouvinte dessas palavras a imaginar o que está sendo dito em sua realidade material. Ele argumenta que, desde Freud, toda representação se reveste da necessidade fundamental de interromper o sofrimento que decorre da

frustração, a fim de que seja possível reviver o sentimento de satisfação de outrora.

Neste sentido, a representação deixará de ocupar o mesmo plano da realidade quando “instruída pela amarga experiência da vida” (Ferenczi, 1911/2011, p. 129), de modo que a criança arvorar-se-á em distinguir a representação da real satisfação, valendo-se de sua motricidade ao se ver diante de objetos reais – e não de ilusões de sua imaginação. As “palavras obscenas” colocam em destaque o caráter ambíguo das palavras, trazendo à tona a conexão inconsciente do que pode ou não ser falado ou pensado, bem como dialogam, de algum modo, com o texto freudiano sobre o “Humor” (Freud, 1927/2014).

No referido texto, Freud (1927/2014) destaca duas formas pelas quais o processo humorístico ocorre, quais sejam: “ou numa única pessoa que adota ela mesma a atitude humorística, enquanto a outra pessoa tem o papel de espectador e fruidor, ou entre duas pessoas, das quais uma não tem participação nenhuma no processo” (pp. 322-330), mas é tomada como objeto da cena humorística. Esta segunda modalidade se assemelha ao que atualmente é considerado como racismo recreativo. Freud pontua que, na essência, o humor livra o indivíduo dos afetos que uma determinada situação acarretaria, afastando a expressividade de tais afetos por meio de uma piada.

Do ponto de vista da Psicanálise, as palavras fazem conexões simbólicas entre os conteúdos latentes (experiências sexuais primitivas) e os conteúdos manifestos (modificados pela censura) aceitos socialmente. Neste sentido, as palavras tabus possuem o poder de levar o ouvinte a imaginar o que está sendo dito, como no caso das palavras obscenas ou palavras chulas que, normalmente, são associadas às partes íntimas do corpo ou às atividades sexuais. As crianças, ao proferi-las, provocam no adulto sensações diversas, tais como o riso, o espanto etc.

Palavras que nos fazem imaginar coisas não se restringem às palavras obscenas. Ferenczi (1911/2011) considera que, ao supormos uma distinção – entre objetos representados e objetos reais – como imperfeita, há de se considerar a possibilidade de o psiquismo ter uma tendência de regressar a um modo de funcionamento primário. O autor localizará aí a base para um entendimento acerca das características particulares das palavras obscenas, mas também a justificativa para hipotetizar que “num certo estágio do desenvolvimento, esse caráter tangível (sensorial), somado à forte tendência regressiva, é próprio de todas as palavras” (Ferenczi, 1911/2011, p. 130).

Tem-se a escuta de “uma linguagem que imita, que toca o real”, conforme assinalado por Gondar (2017); neste diapasão, questionamos se ao imitar o real, a linguagem não apenas reflete a sociedade, mas também a molda. No sentido de que a violência oriunda da linguagem se insere em um contexto mais amplo do racismo estrutural, em que as relações sociais são hierarquizadas, podendo fazer com que a linguagem sirva como ferramenta poderosa para a manutenção da opressão e da retraumatização.

Quando se faz uso do verbo denegrir, dentre outras formas de expressão, esta linguagem que imita e toca o real chega de forma brutal aos sujeitos negros, já que tal termo possui em sua raiz etimológica o sentido de tornar negro como algo maldoso e ofensivo; este verbo carrega, portanto, o sentido de difamar, de manchar uma reputação outrora limpa.

Ocorre o mesmo com outras palavras ou expressões de nossa língua-mãe, que são carregados de sentido pejorativo, vocábulos estes que produzem nas pessoas racializadas um atrito com o real e que vêm sendo desvelados pelo processo de letramento, emergindo como um exercício que coloca em questão a linguagem de resistência do próprio analista, no sentido de objetivar restaurar uma ligação, uma construção ou uma ponte a ser estabelecida entre confusão e confluência de línguas.

O letramento em Psicanálise é um conceito em construção. Tem a ver com o que disserta Freire (2021) em sua *Pedagogia do oprimido*, no que concerne às práticas da educação. O educador salienta que:

Enquanto a prática bancária implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizada, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a *imersão* [grifo do autor]: a segunda, pelo contrário, busca a *emersão* [grifo do autor] das consciências, de que resulte sua *inserção* [grifo do autor] crítica da realidade (Freire, 2021, p. 97-98).

Assim, a proposta de um letramento no campo psicanalítico não deve prescindir do exercício da circulação da fala no encontro inter-racial, visando produzir um desentorpecimento do discurso e da *práxis* hegemônica eurocêntrica, que na presente pesquisa pensou-se em algo próximo à prática bancária tal como descrita por Freire (2021), mantenedora da imersão da consciência em práticas que inibem a capacidade de pensar.

Por outro lado, o letramento busca trazer à consciência a capacidade de refletir acerca de comportamentos e falas destituíntes do outro estrangeiro ou racializado, com o pressuposto de dar sustentação ao mal-estar, possibilitando, desta forma, a circulação da palavra – portanto, de forma dialógica – no intuito de lidar com o negativo sempre que este emergir, em um contínuo exercício de alteridade.

Deste encontro dialógico entre subjetividades, por meio da transferência ou da contratransferência, projeções estereotipadas podem ocorrer, não só pela alteridade, mas sobretudo pela capacidade interna de poder identificar em cada um de nós “os objetos internos racistas”<sup>4</sup> (Schulze, 2023, p. 12) e, com eles lidarmos, cada um a seu tempo.

Em “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, Ferenczi (1933/2011) conceitua que a confusão emerge a partir do encontro da linguagem da ternura da criança quando vilipendiada pela

linguagem da paixão dos adultos, sobre os quais pensamos, abusadores, sejam eles sexual, patriarcal, machista, racista, classicista e/ou outros. Neste sentido, a proposta de um letramento visa produzir – no encontro e nas discussões sobre as relações raciais – algo similar à experiência vivenciada por Italo Calvino, autor de *Seis propostas para o próximo milênio*, descrita por Frölich, Kierniew e Moschen (2020) em *Ver o invisível do letramento*, obra esta em que as autoras relatam a lembrança do momento que antecede a alfabetização de Calvino, narrada por ele próprio, a qual se deu em “um tempo em que a operação fundamental de alojar-se no intermediário, no nem ainda isso, nem ainda aquilo, foi-lhe conferida pela sua paixão pelos quadrinhos – nem só imagem, nem só narrativa” (p. 197).

As autoras relatam que Calvino, quando criança, adorava os quadrinhos ou *comics*, que “em sua infância, migravam dos Estados Unidos para a Itália, mas que ainda chegavam sem os balões dos diálogos dos personagens” (p. 197). Dado que nos quadrinhos do tempo de Calvino não havia os balões dos diálogos entre as personagens, isso lhe permitia inventar as narrativas, criar as histórias vistas por ele nos quadrinhos.


O processo de letramento interno pode ser associado, de forma metafórica, ao preenchimento dos balões (conforme fazia Calvino, em sua infância) internalizados em nós, por meio da fala e da escuta para, quem sabe, produzir um sentido às garatujas neles inscritos, transformando-os em uma linguagem – falada ou escrita – que rompa as barreiras do não dito, do silenciamento, na busca da sustentação ao mal-estar, visando à construção de uma ponte entre confusão e confluência de línguas nas relações raciais aqui existentes.

## Referências

- Canavêz, F., & Herzog, R. (2012, julho/dezembro). A linguagem das resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 15(2), 327-341.

www.scielo.br/j/agora/a/rrhFJKSQ4fkYLCwkWpk6q/?format=pdf&lang=pt

- Ferenczi, S. (1911/2011). Palavras obscenas. In S. Ferenczi, *Obras Completas Psicanálise I*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1913/2011). Ontogênese dos símbolos. In S. Ferenczi, *Obras Completas Psicanálise II*. Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1933/2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras Completas – Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (2021). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Freud, S. (1927/2014). *O humor*. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 17, pp. 322-330). São Paulo: Companhia das Letras.
- Frölich, C. B., Kierniew, J., & Moschen, S. (2020). Ver o invisível do Letramento. *Revista da FAAEBA – Educação e Contemporaneidade*, 29(60), 191-210. <https://revistas.uneb.br/index.php/fae-ba/article/view/10509>
- Gondar, J. (2017). As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem. In E. S. Reis & J. Gondar, *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política* (pp. 112-121). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Mannoni, O. (1973). *Chaves do Imaginário*. Vozes.
- Schulze, S. (2023, junho). Preto e branco no espaço analítico: sobre objetos internos racista. *Revista Percurso*, 35(70), 9-26.



**O livro que o leitor tem em mãos é parte de um trajeto** que começou em maio de 2024, com a 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, na qual se testemunhou uma psicanálise que caminha país afora, impulsionada pelo espírito do psicanalista húngaro. Coube aos organizadores deste volume a tarefa de destacar 21 trabalhos dentre os mais de 300 apresentados no evento. O material aqui reunido foi selecionado a partir de três frentes: uma que captura a interface de Ferenczi com o campo social, outra que trabalha noções ferenczianas que tangenciam a ideia de fragmentação e uma terceira que toca a clínica a partir da mutualidade. A leitura é um convite a pegar uma carona com Ferenczi pela psicanálise contemporânea, especialmente no Brasil.

*Coleção Sándor Ferenczi*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2612-3



9 788521 226123



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Ferenczi pelo Brasil

Rupturas, fragmentações e mutualidade

---

Daniela Romão Barbutto Dias, Eduardo Medeiros,  
Maria Nilza Campos, Renata Mello e Renata Udler Cromberg (Org.)

ISBN: 9788521226123

Páginas: 280

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---